



Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016

RESENHA DA OBRA SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: Crítica ao economicismo na política educacional

POLÍTICAS EDUCACIONAIS: por uma visão crítica da Sociologia do Ensino Médio

Felipe Boin Boutin¹
Beatriz Demboski Búrigo²

Obra resenhada:

KRAWCZYK, Nora. *Sociologia do Ensino Médio - Crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Nora Krawczyk é atualmente uma das principais referências no âmbito da Sociologia da Educação e vem discutindo a questão do Ensino Médio no Brasil e na América Latina.

Tomando como fio condutor a necessidade de recuperar o papel da sociologia e do conhecimento crítico ao se falar de políticas educacionais, Krawczyk organizou na obra “Sociologia do Ensino Médio - crítica ao economicismo na política educacional” trabalhos de diversos pesquisadores, que foram convidados para contribuir com as suas percepções sobre o rumo atual da educação a partir de assuntos que dialoguem com o papel cultural da escola, a política educacional e a sua relação com o mundo do trabalho, além de outros aspectos.

Segundo a organizadora, o Ensino Médio é atualmente marcado por choques entre democracia e capitalismo e possui ao mesmo tempo dinâmicas de inclusão, como também expressa retrocessos em novas formas de exclusão. Tendo isso em vista, a organizadora escreve sua introdução justificando a necessidade de trabalhos que adentrem profundamente nestes assuntos,

¹ Possui graduação em Relações Internacionais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

principalmente por apresentarem problematizações sociais do universo da educação, que conseqüentemente levam ao reconhecimento social e, por fim, a criação ou reestruturação de políticas públicas necessárias para a democratização do acesso à educação e democratização da própria sociedade.

Krawczyk aponta a apropriação de conhecimentos socialmente construídos, o espaço no mercado de trabalho e a participação no ensino superior como algumas das discussões que fazem com que o Ensino Médio se apresente como o período mais fértil de discussões sobre as controvérsias do sistema educacional. Em conjunto com o interesse de superar a visão economicista existente nas políticas educacionais, onde as determinações políticas advêm diretamente e quase que exclusivamente de resultados de estudos econômicos, os trabalhos organizados na presente obra demonstram a importância do debate que está sendo realizado. A organizadora apresenta de que formas elementos não escolares penetram na instituição e implicam em mudanças nas práticas dessas instituições, muitas vezes estabelecendo um método de gestão empresarial, no qual o objetivo da instituição escolar deixa de se referir à aprendizagem, tornando assim a escola um espaço de reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

Composto por seis artigos referentes à Sociologia do Ensino Médio, que tanto apresentam os conceitos gerais e uma breve historiografia sobre o tema, quanto abrangem as discussões sobre o Ensino Médio no Brasil e o seu equivalente na França, o livro em um primeiro momento parece bem organizado para atrair e prender também leitores que não possuem tanta familiaridade com o tema. Nos parece que a escolha de iniciar a obra com o artigo de Marília Pontes Sposito e Raquel Souza tem, justamente, o intuito de construir e explicitar o panorama proposto, apresentando o contexto do debate e conceitos-chave necessários.

As autoras, no artigo intitulado “Desafios da Reflexão Sociológica para Análise do Ensino Médio no Brasil”, apontam o aumento da demanda por matrículas a partir dos anos 90 nessa modalidade de ensino. Isso se deve, principalmente, por partir do Estado o desejo de universalizar o ensino, antes bastante elitizado no país. Por fim, apontam também as falhas nesta universalização, que se apresenta mais superficial do que representativa de alguma mudança real no combate à desigualdade e ao acesso mais igualitário ao ensino.

Além disso, Sposito e Souza apontam fatores muito importantes para o reconhecimento dessa “falha” relativa da universalização da educação brasileira, sendo alguns deles relacionados a dificuldade de se construir políticas educacionais estáveis e articuladas no país, além da falta de políticas democráticas de acesso à cultura para os jovens, como por exemplo, cinema, teatro,

música; e, também, a desigualdade marcada nas relações escolares, onde estudantes de origens distintas acabam sendo tratados de forma distintas. Porém, magistralmente apontado pelas autoras: "os jovens são apenas pontas de iceberg de processos sociais mais amplos que afetam a própria condição humana" (SPOSITO; e SOUZA, 2014, p. 55). Por isso, a leitura desta obra se torna indispensável para quem procura compreender a escola e a educação como uma instituição da nossa sociedade que também reflete muitas outras condições e marcações sociais.

“As Relações com os Estudos de alunos Brasileiros de Ensino Médio” é o trabalho de Bernard Charlot e Rosemeire Reis, que realizam uma comparação entre a situação do Brasil e a de outros países com os quais ele compete na economia globalizada. A partir de uma reflexão sobre as contribuições e as limitações da teoria da reprodução de Bourdieu e Passeron, os autores procuram compreender o sucesso ou fracasso escolar dos novos setores sociais que estão adentrando no Ensino Médio.

Logo no início do trabalho, os autores apresentam uma informação interessante: no Brasil, o fracasso escolar é definido a partir da não conclusão do Ensino Médio, enquanto em outros países essa etapa é praticamente universalizada, contando como fracasso escolar a não conclusão do ensino superior. Evidente que não podemos desconsiderar as particularidades históricas de cada país, mas se faz necessário lembrar da existência de padrões internacionais de sucesso, baseados muitas vezes em caráter econômico que desconsideram estudos nacionais da área de Sociologia da Educação e que, portanto, se adequam melhor a realidade brasileira.

Os autores também apontam a existência de diferenças socioeconômicas e outras diferenças mais complexas que acompanham o ingresso dos alunos nas escolas e servem para explicar o fracasso escolar. Utilizando a categoria *habitus* (um conjunto de disposições incorporadas de forma durável) apresentada por Bourdieu e Passeron como ferramenta de análise³, podemos compreender como se transmite e se apropria o saber entre diferentes grupos sociais, reproduzindo assim a desigualdade e demonstrando a falta de democracia na educação.

A relação da instituição escolar com o saber é fundamental e estudos apontam que a relação com a escola e o saber, além de singular, é também social, construída pela família e no ambiente social. Apesar disso, o processo de ensino e aprendizagem permanece recaído sobre o aluno e esses estudos continuam a ser ignorados e o fracasso sócio escolar segue se apresentando como individual. Segundo os autores, considerando esses aspectos, a sociologia possui um papel

³ No campo educacional essa categoria tornou-se especialmente conhecida a partir da publicação de *A Reprodução* (2008 [1970]), obra escrita por Bourdieu e Passeron.

fundamental na investigação das formas singulares e sociais das relações estabelecidas com a escola e com o saber.

Charlot e Reis também apresentam os resultados de um estudo de caso, de uma pesquisa quanti-qualitativa com abordagem em campo, na qual alunos de uma escola média em Maceió responderam questionários e participaram de grupos de discussão que tratavam sobre os sentidos atribuídos ao aprender e os desafios encontrados pelos estudantes nessa etapa de escolarização. Os jovens apontaram que o espaço escolar é o preferido por eles, o que pode significar uma possível falta de acesso a outros locais de sociabilidade. Em adição, apontam as aprendizagens como sendo ligadas a aspectos relacionais e afetivos e consideram a escola um local de formação que possibilita o acesso ao mercado de trabalho. Em termos de conhecimento, eles não sentem que o Ensino Médio é satisfatório.

Os autores também comentam sobre reclamações referentes à mudança do Ensino Médio para a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), que diminui em um ano o tempo de formação, criando assim dificuldades para aqueles que objetivam entrar no ensino superior. Um importante fator para a análise dessa pesquisa é que ela foi feita com base em grupos de discussão, escolhidos pelos professores. Os alunos escolhidos se demonstraram os melhores da turma e os mais estimulados por parte dos pais ou professores e, assim, conseguimos perceber mais uma vez a reprodução da desigualdade e a falta de democracia na educação. A partir dessa pesquisa os autores assinalam que as relações com os saberes são diferentes socialmente e que a reprodução e legitimação das desigualdades acabam gerando frustrações em relação à promessa de um futuro melhor.

Seguindo a proposta de analisar as categorias da Sociologia do Ensino Médio também em outros contextos além do brasileiro, a obra conta com dois artigos da pesquisadora Agnès van Zanten, que escreve sobre a presente temática na França. Apresentando um debate um pouco mais técnico e mergulhado mais profundamente no universo da Sociologia da Educação, a autora escreve em seu primeiro artigo da obra sobre os “Efeitos da Concorrência sobre a Atividade dos Estabelecimentos Escolares”. Segundo ela, existe uma interdependência muito clara entre os estabelecimentos escolares e o Estado, o mercado e a comunidade; portanto, muitas categorias de análise utilizadas nestes conceitos também são de importância para o estudo dos estabelecimentos de ensino.

Para van Zanten, ao analisarmos as configurações do universo escolar percebemos um “quase-mercado” educacional, composto por uma série de competições entre os estabelecimentos

que oferecem o ensino. Estas competições podem ser por alunos, tanto quantitativamente por um número maior de alunos matriculados, quanto qualitativamente por alunos com mais sucesso escolar; por contratar professores com mais prestígio; por melhores colocações em resultados de provas e vestibulares; e por fim, concorrência relacionada com autonomia dos estabelecimentos e com o grau de controle sobre as autoridades locais.

Uma das consequências que estas competições trazem às escolas é o surgimento de diversos tipos de estratégias para modificar as instituições de maneiras externas e internas para que estas possam cada vez melhor competir com suas concorrentes. A autora aponta que apesar da competição muitas vezes ser característica de mercado, com certas consequências ruins para as instituições de ensino, ao contrário, uma escola que também só se volta internamente e não possui a heterogeneidade característica da competição, acaba por se tornar estacionária e não acompanha as mudanças necessárias para o ensino. Por isso, políticas educacionais abertas à concorrência e que defendem a diversidade educacional são necessárias para o desenvolvimento econômico e social.

O segundo artigo de van Zanten que compõe a presente obra, analisa no contexto Francês “A Escola da Periferia”, propondo um exercício interessante para nós observarmos se as categorias propostas pela autora também podem ser transpostas para a nossa realidade escolar. A autora demonstra em seu texto um fenômeno que ocorre nas escolas dos bairros periféricos, nos quais acaba acontecendo a segregação e concentração social e étnica de classes mais baixas e imigrantes. Fenômeno impulsionado pela setorização das matrículas escolares na França, que confinava ainda mais as pessoas nas periferias com o peso da territorialidade, faz com que as escolas destes bairros periféricos passem por certa “guetização”, ou seja, uma visão negativa perante o resto da sociedade.

Além disso, van Zanten nos aponta neste artigo uma das piores consequências da concorrência entre as instituições de ensino, explicada anteriormente, que seria a concentração de estudantes bons em algumas escolas que se saem melhor na concorrência. Por fim, a autora propõe uma ação política mais ampla para combater essa diferenciação entre escolas periféricas e centrais, algo que também pode solucionar no Brasil o problema da segregação escolar nas escolas em locais mais pobres e afastados, porém respeitando as peculiaridades locais.

No trabalho seguinte, Maria Alice Nogueira e Wania Guimarães Lacerda discutem a relação entre “Os *rankings* de estabelecimentos de ensino médio e as lógicas de ação das escolas”. A análise das autoras se pauta em como as lógicas de ação das escolas e das famílias são

influenciadas pelos *rankings* de estabelecimentos de Ensino Médio produzidos a partir dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O estudo de caso realizado pelas autoras sobre o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa que vem ocupando o primeiro lugar dentre as escolas públicas nos *rankings* nacionais em decorrência dos resultados obtidos no ENEM, é utilizado para corroborar com a análise do trabalho.

A produção de *rankings* de estabelecimentos de ensino, decorrentes dos resultados obtidos no ENEM, resulta primeiramente em várias reportagens midiáticas que buscam identificar nas escolas posicionadas no topo da tabela quais os elementos que os distinguem em relação aos outros estabelecimentos de ensino. Segundo as autoras, a justificativa para o estabelecimento desse *ranking* se baseia na transparência dos serviços públicos e na própria melhoria da qualidade do ensino.

Alguns apontamentos merecem ser levantados sobre esse tema. Esses *rankings* são limitados, baseados em “valores absolutos” de conhecimento, não em um “valor adicionado” pelo estabelecimento de ensino. Dessa forma, fatores como o *background* socioeconômico e cultural, que implicam diretamente no aprendizado dos alunos, são “debitados” sem distinção nas notas dos alunos.

Da mesma forma, para Franco e Menezes Filho (2012), esses *rankings* refletem principalmente o status socioeconômico dos alunos das escolas, fator que prejudica a informação sobre a real qualidade das instituições de ensino. Em suma, quando se publicam as notas do ENEM não há interesse em saber o que aquilo significa em termos pedagógicos, toda ênfase é colocada em comparar as escolas, fator que reflete na escolha das famílias pelos locais de ensino. Como vimos previamente, a escolha do estabelecimento de ensino por parte das famílias envolve capitais que estão distribuídos de maneira desigual na sociedade. No caso, famílias culturalmente mais favorecidas possuem maior capacidade de obter informações sobre a qualidade de ensino de uma escola e, portanto, de efetuar as suas escolhas.

Em relação aos *rankings*, esses fazem com que as escolas se associem em um fenômeno chamado de interdependência competitiva, que ocorre quando o funcionamento das escolas é afetado pelas práticas de funcionamento de outras instituições de ensino localizadas dentro do mesmo espaço geográfico. Assim estabelece-se uma competição entre as escolas, seja pelo número de alunos, mas também pela qualidade acadêmica, comportamental e social dos mesmos. Quanto mais no topo a instituição escolar está na competição, mais e melhores alunos serão atraídos.

Segundo as autoras, esses *rankings* podem influenciar as práticas pedagógicas e organizatórias dos estabelecimentos de ensino objetivando a manutenção ou a melhoria de suas posições. O estudo de caso com o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa traz alguns apontamentos interessantes sobre de que forma os *rankings* são responsáveis pelas lógicas de ação das instituições de ensino. As autoras dividem as ações das instituições em ações voltadas para o exterior como, por exemplo, de que forma se dá o recrutamento de alunos e as ofertas curriculares; e, ações voltadas para o interior, considerando aqui a organização das classes, o apoio aos alunos, entre outros fatores. Em conjunto, essas ações objetivam, como supracitado, manter ou melhorar a sua posição em relação a outras instituições de ensino.

O artigo escolhido para finalizar o livro foi o de Guilhermina Tiramonti, com o título “A Escola Moderna: restrições e potencialidades frente às exigências da contemporaneidade”. De caráter bastante reflexivo, neste texto encontram-se elementos muito importantes para não se esgotar o debate levantado ao longo de toda a obra. Iniciando a exposição já com questões que ainda não foram respondidas, e talvez ainda levem bastante tempo para serem, a autora nos indaga se realmente a Escola Moderna é capaz de suprimir as exigências da cultura contemporânea e se não é, justamente, deste quesito que surgem os maiores problemas enfrentados hoje em dia na educação.

A proposta da universalização do ensino não trouxe com ela modificações nos sistemas tradicionais de educação; é como se uma instituição datada e direcionada para certo público, estivesse agora sendo estendida e esticada artificialmente para abarcar outras classes e outros grupos de pessoas que não se enquadram - que nunca se enquadraram ou não se enquadram mais - em moldes antigos e ultrapassados. Estes apontamentos são extremamente necessários para uma reformulação da escola tradicional, tema bastante importante para a Sociologia da Educação.

As análises e as informações apresentadas dentro desses seis artigos organizados por Krawczyk contribuem para percebermos e discutirmos sobre o rumo atual da educação. Ao tratarmos de políticas educacionais, devemos estudar e compreender todos os elementos e dinâmicas que afetam o ambiente escolar e suas práticas tanto internas como externas. Para isso, se faz necessária a aplicação de uma sociologia crítica que problematize o universo da educação dentro dos seus mais variados aspectos. Krawczyk é capaz de juntar na obra artigos que utilizam-se dessa sociologia para apontar as limitações dos dispositivos de ensino que tentam responder às exigências da contemporaneidade que, por outro lado, também resultam em mudanças e incompatibilidades com os públicos que deve atender.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCO, Ana Maria P.; MENEZES FILHO, Naércio. Uma análise de *rankings* de escolas brasileiras com dados do Saeb. *Revista de Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 42, n. 2, p. 263-83, abr./jun. 2012.

Ficha Técnica

Sociologia do Ensino Médio - Crítica ao Economicismo na Política Educacional

Organizadora: Krawczyk, Nora

Autores: Diversos

Editora: Cortez

Ano: 2014

Número de páginas: 208

I.S.B.N. 9788524921780

Recebido em: 26 de março de 2016.

Aceito em: 10 de agosto de 2016.